

# QUEBRA DE DECORO

Em nota, Renan garante não guardar "mágoa" e propõe diálogo. Presidente do Senado cogitou rezar após votação, mas comemorou resultado em casa

# Peemedebista prega reconciliação

HELAYNE BOAVENTURA E  
LILIAN TAHAN  
DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), optou por uma comemoração discreta pela absolvição em plenário. Nem festa nem orações na igreja, como chegou a cogitar. Depois de cumprimentar um a um os colegas no plenário, ele seguiu para casa e preferiu divulgar uma nota pública. Seis parágrafos curtos, porém, foram suficientes para ele dar um recado tanto aos aliados quanto aos adversários. Renan sugeriu que não pedirá licença da Presidência do Senado. Ao contrário,

Pregou a conciliação. Avisou que não guarda mágoas e vai, na próxima semana, buscar reconstruir relações na Casa para retomar as votações.

"Não guardo mágoa, nem ressentimentos. O único sentimento que me move é o do entendimento e do diálogo", garantiu Renan, na nota, em um claro movimento para tentar recuperar o prestígio perdido em quatro meses de processo. "A partir da decisão madura e soberana do plenário do Senado já comeci a procurar os líderes e presidentes de partidos para prosseguirmos na agenda legislativa que de fato interessa ao país, à população."

Na nota, Renan repetiu parte do discurso de defesa em plenário, no qual já

antecipava que, absolvido, resistiria à idéia de aliados e à cobrança dos oposicionistas para que se licencie. Depois de quase cinco horas de sessão, em que permaneceu sentado na primeira fileira de cadeiras do plenário, ele foi à tribuna para defender-se das acusações lançadas pela maioria dos oradores que o antecederam.

## Tática do medo

No discurso escrito, com poucas improvisações, ele repetiu a linha de raciocínio que dominou suas inúmeras falas ao longo do processo: além de avisar ter "honra de presidir o Senado", utilizou o filósofo Antonio Gramsci para acusar a mídia de um massacre moral:

"Quando a imprensa cresce muito, o Senado diminui", parafraseou. Mas a linha mestra da defesa foi a tática do medo. "Da mesma forma em que hoje sou eu a vítima, outros podem ser vítimas de adversários políticos no futuro", argumentou, dizendo ter vivido "130 dias de sofrimento". "A injustiça dilacera a alma", choramingou.

Para aproximar-se dos colegas, Renan fez questão de citar senadores que o atacaram na tribuna e em entrevistas. Garantiu, por exemplo, ter renda suficiente para pagar a pensão à jornalista Mônica Veloso, com quem tem uma filha de três anos. "Então, senador Jefferson (Peres), se eu quisesse confundir público com privado, eu teria contratado

Mônica aqui no Senado", exemplificou. "Então, senador Pedro Simon, se eu quisesse confundir público com privado, como ela tem uma produtora, eu teria contratado um filmete e teria pago com recursos do Senado."

No discurso, ele já aproveitou para defender-se dos dois outros processos que tramitam contra ele no Conselho de Ética, que tratou como "insignificantes". Deixou o discurso escrito apenas para lançar um ataque duro à presidente do PSol, Heloisa Helena, sua adversária em Alagoas (leia mais na página 9), para surpresa dos colegas.

COLABORARAM LEANDRO COLON  
E GUSTAVO KRIEGER

## Ações perdem força

A oposição continuará a fazer barulho para manter sobre o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), a ameaça de cassação do mandato. Mas a avaliação tanto de aliados quanto de adversários do peemedebista é a de que o julgamento de ontem em plenário enfraquecerá os dois processos que correm contra Renan no Conselho de Ética. A segunda acusação, de que ele favoreceu a cervejaria Schincariol, poderá ser arquivada na próxima semana. "Prentendo apresentar meu relatório nos próximos dias", avisou o senador João Pedro (PT-AM), relator do caso.

O senador Renato Casagrande (PSB-ES), um dos relatores do primeiro processo contra Renan, acredita que somente novas denúncias poderão reverter a tendência de arquivamento dos demais processos. "O senador Renan Calheiros saiu fortalecido. As representações contra ele se enfraqueceram", analisou. "As demais representações perdem força completamente. Renan vai conseguir arquivar ainda no Conselho de Ética", previu o senador Cristovam Buarque (PDT-DF).

A análise unânime no Senado é a de que a representação sobre a Schincariol tem poucas chances de seguir adiante por envolver principalmente o irmão

Iano Andrade/CB



RENATO CASAGRANDE ADMITE QUE DEMAIS DENÚNCIAS CONTRA PRESIDENTE DO SENADO SE ENFRAQUECERAM: "RENAN SAIU FORTALECIDO"

do senador, o deputado Olavo Calheiros (PMDB-AL). João Pedro deve apresentar um parecer pelo arquivamento. O terceiro processo, que trata da compra de veículos de comunicação em Alagoas, é mais consistente. Mas como os senadores já têm amplo conhecimento sobre a denúncia e mesmo assim absolveram Renan, a representação perde força política.

Até mesmo integrantes do PSol, partido autor de três das quatro denúncias apre-

sentadas contra Renan Calheiros, avaliam que as chances de cassar Renan com base nas demais denúncias ficou muito menor depois da absolvição de ontem. "A forma como funcionou, como ele trabalhou... Eu prefiro não acreditar em arquivamento, mas temo que aconteça", analisou a presidente do PSol, Heloisa Helena.

Para os aliados, o assunto está encerrado. Eles acreditam que agora o caminho é encerrar a tramitação, exigida pelo regimento interno, e enterrar as demais

representações ainda em seu nascedouro, o Conselho de Ética. "A crise não acaba 100%, mas ameniza. As demais representações perdem força até porque não têm consistência. A mais difícil era a primeira", avaliou o líder do PMDB no Senado, Valdir Raupp (RO). "Os processos estão em andamento e precisam seguir seu curso. Mas o presidente do Senado sai da agonia, do imediatismo", analisou o líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR). (HB)

Jeferson Pinheiro/CB - 14/1/90



RENAN (D) FOI LÍDER DO GOVERNO COLLOR NA CÂMARA: APÓS EMBATES, CONCILIAÇÃO

Depois de ser líder do governo na Câmara, decidiu abandonar o barco presidencial, decidiu abandonar o barco presidencial. O passo seguinte foi dar uma demonstração de alinhamento com o

novo governo, outra característica marcante, segundo os críticos.

Sem romper com Itamar Franco, Renan conseguiu do mineiro, já na condição de presidente, uma vice-presidência

da Petroquisa. Eleito senador em 1994, aderiu às hostes parlamentares do presidente Fernando Henrique Cardoso. Foi recompensado com a indicação para o Ministério da Justiça. No primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, cerrou fileiras com o presidente. Em 2005, resolveu alçar vãos mais altos.

Bateu de frente com o senador José Sarney (PMDB-AP) e venceu uma disputa interna pela Presidência da Casa. O episódio ratificou a capacidade de Renan de recompor com antigos adversários. Ao contrário de Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho, apeados da Presidência do Senado pelos embates figadais que travavam, Renan sempre fez prevalecer o lado afetuoso, mesmo quando correu o risco de perder a linha.

Foi assim no processo arquivado. Chegou a bater boca com oposicionistas em plenário. Diante da repercussão negativa, voltou a encenar o papel de conciliador, o mesmo que lhe rendeu votos decisivos de oposicionistas e governistas na sessão de ontem.

## OS OUTROS PROCESSOS

Além do pedido de cassação por não ter justificado renda suficiente para pagar a pensão da jornalista Mônica Veloso, o presidente do Senado, Renan Calheiros, enfrenta outros dois processos no Conselho de Ética. Veja quais são:

### A CERVEJARIA

**A denúncia:** A revista *Veja* denunciou o que seria a venda superfaturada de uma fábrica de refrigerantes montada pela família de Renan em Murici, no interior de Alagoas. A fábrica foi montada em 2003 por Olavo Calheiros, deputado federal e irmão do senador. A revista diz que a fábrica foi vendida no ano passado à cervejaria Schincariol por R\$ 27 milhões, o que seria três vezes mais que seu valor no mercado. A operação teria garantido um lucro de R\$ 17 milhões a Olavo Calheiros. Renan não é parte no negócio, mas a revista diz que depois da venda da fábrica ele teria passado a atuar como lobista da Schincariol em Brasília. Teria atuado junto ao Ministério da Justiça, Receita Federal e INSS em favor da empresa.

**A defesa:** Tanto o senador quanto os órgãos públicos citados negam a intermediação.

**A situação do caso:** O PSol apresentou representação que foi encaminhada ao Conselho de Ética. O relator é o senador João Pedro (PT-AM). Avaliação entre os senadores é de que o caso envolve mais Olavo Calheiros, que também enfrenta processo na Câmara, do que Renan e o caso pode ser arquivado no Senado.

### O NEGÓCIO DAS RÁDIOS

**A denúncia:** Reportagem da revista *Veja* acusa Renan Calheiros de ser dono de duas emissoras de rádio em Alagoas, que valem cerca de R\$ 2,5 milhões. Segundo a revista, Renan teria utilizado laranjas para comprar as concessões de rádio e um jornal e teria pago em dinheiro vivo, parte em dólares e parte em reais. De acordo com a revista, os negócios teriam começado em 1998 numa parceria com o empreiteiro João Lyra, na compra do grupo O Jornal, que detinha uma concessão de rádio. Em 2005, Renan e Lyra teriam decidido desfazer a sociedade, ficando o usineiro com o jornal e Renan com as concessionárias de rádio.

**A defesa:** Renan nega ter sido sócio de Lyra em negócios. Diz ter feito campanha eleitoral com o ex-deputado pela última vez em 1986.

**A situação do caso:** A Mesa Diretora do Senado encaminhou a representação do DEM ao Conselho de Ética. Ainda não foi designado o relator. A avaliação entre os senadores é de que este processo é mais difícil para Renan pois as provas seriam mais consistentes.

## PERFIL// RENAN CALHEIROS

### Sem perder a ternura

DANIEL PEREIRA  
DA EQUIPE DO CORREIO

Um homem afetuoso, capaz de renascer das cinzas e com capacidade invejável para enfrentar batalhas políticas. Não são poucas as qualidades atribuídas ao presidente do Senado, Renan Calheiros, que ontem superou mais uma das armadilhas que ameaçam, há mais de década, jogá-lo no ostracismo. Nascido pobre, em Murici, interior de Alagoas, Renan enfrentou o primeiro grande desafio no cenário nacional no mandato de Fernando Collor de Mello.

O instinto de sobrevivência pesou mais forte, uma vez que Renan já havia tachado Collor de "príncipe herdeiro da corrupção" quando este era governador.